

Prosa Versificada – II

José Leon Machado



Edições Vercial

Ficha Técnica

Título: *Prosa Versificada – II*

© Copyright José Leon Machado 2006-2010

Todos os direitos reservados.

Edição conjunta das seguintes obras:

O Filho do Chão, OPSIS, 1996

Umbrais, OPSIS, 1996

O Sono das Árvores, OPSIS, 1998

Focagem (inérita)

Poemas Agonistas (inérita)

1ª edição, Dezembro de 2006

2ª edição, Agosto de 2008

2ª edição, Abril de 2010

Edições Vercial

URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>

E-mail: evercial@gmail.com

José Leon Machado

Prosa Versificada – II

Poesia

Edições Vercial

O Filho do Chão

A minha terra não é inefável.

A vida na minha terra é que é inefável.

Inefável é o que não pode ser dito.

Jorge de Sena

I

Em fluxo o desespero.
Rebatem sinos
Pela montanha catedral do sol.
Extenuaram-se as águas
E os rios deixaram de seguir.

II

Terra e água um regresso a rocha
Um tesouro de minerais a tocarem-se
Para de um arbusto
Imaginar as feições iniciais.

III

Muralhas um olhar
Estradas uma face
Os pés a força
Do espaço a percorrer.

IV

Pintada uma corça
Ronda a verdura
Que perdura
Em arquivos de filme.

V

Sobre a laje cinzenta
Depositaram crisântemos

VI

A espada rubricou o céu
Em coberturas amargo o destino
Que permite ser grande.
Plantaram um desejo:
Subir torres partidas as faces.

VII

Luz da rua branca
Atraente o precipício
A que se agarra o náufrago.
Suite de Bach intermitente.

Não era seu o vulto
sob a tília de mãos grossas
A desafiar os deuses
Como descanso das aves.

VIII

A estreiteza da árvore
Numa procura da luz
Abafada pela sombra dos montes
Embala-se ao vozear da brisa.

Sinopse as nuvens em caos
No vidro um lago
No lago um espelho
Vermelho ao fundo o caos.

IX

Bailado os ramos despidos
A serra aguarda um olhar
Para o degelo.

Seguem ovelhas pela estrada
A voz de comando
Numa agressão proclama
O dia.

X

Troféus em vitrina
Na extensão do céu
Perdeu um anjo o rumo
E transpondo as asas
De signos bordado
Refez num passo o mundo.

XI

Incógnita a montanha
Na palidez de névoa
Os corpos os mortos
Penetra faces de negrume
Para a imersão nos vales
Precipitou a voz
O desejo do sol.

XII

No vale a sombra
Húmida em trânsito a morte
carnaval máscaras
Sob as feições de digerir-se
Como cão a trincar a cauda
E o resto.

XIII

A eternidade de Deus
Um adeus
Oração fúnebre
Por alguém que não morreu.

XIV

O castelo perdeu as ameias
Atiradas pelo vento

Mina o tempo
Sob o peso da bruma.

XV

Distúrbio a luz que fere
Um cuidado de metal
Para alcance de três desejos impossíveis
Desconforme o tamanho do que seduz
O brilho perturba do sol
Picante penetrante.

XVI

Canto bravio hino
Tambores furores um ritmo
De dança ancestral e rude.

Magia de cura homenagem
A guerreiro sem voz
Estampido o canto
A incitar cadências

O corpo movendo a lua.

XVII

Pardacento num fulgor
De encaixe um gamo
Pasta o verniz da estante.
De relance constou-se
Estranho balido.

Num imploro estático
Soergueu do céu o porte sobre o dorso.

XVIII

Descobrir-se a desenhar cálices
Em ferro em prata
Licores oblação a divindade
O crepúsculo bancos de areia
Em portento emanações

Fechados os portões do Olimpo.
Hades aberto Cronos desperto
O espírito limpo do pó a vida
Morada guarida
Caronte rema

E o porto um cálice nos lábios.

XIX

Esqueletos erguidos à aragem
Troncos de árvore verdes um dia
As pedras nada as recobre
Uma nuvem de fumo percorre
Um espaço de degredo.

O mistério do homem perdeu-se
Cinza espalhada num mar de mundo.

XX

Amanheceu-lhe na face
E a chuva perdura em sons
No âmago.

O menino cortara um pé de caniço
E consigo recorda o brinquedo
Que nunca terá.

XXI

Um momento a memória
Canção o mar férula de olhar
Atrás na cera do tempo.
E se escorresse areia pelo rosto?

XXII

Espuma de bruma moinho
De hastes quebradas
Farol poeira lava cinza

Há muito não conduz
O barco do teu sonho
Moça que esperas o tempo

XXIII

Pêras maçãs em fruteira vital.
O ter sido ramagem
Que o vento não pôde quebrar
Abraçar o ocaso
De um dia sem começo.

XXIV

Planta viçosa excesso de água
E carinho secou-a
Murcha fendida
Perdida em terra de espasmo.

XXV

Praias em céu cinza
Um porto águas de lume
O seu perfume barco
Num pouso o horizonte.

Brancura que perdura
Em olhos de azul corinto
Embora cansado o mar
Repita as ondas.

XXVI

Não se ouvem horas da torre
Morre um fumo de bruma
A luzir um manto

Espanto a vida não tem espanto
Novidade o ramerrão das árvores
Nas estações desiguais.

No símbolo da roupagem
Um extremo insane.
Quando nascerá um homem do tronco?

XXVII

Uma estranheza de ar
Como se faltasse e fosse demasiado.

A pomba em voo rasante
Dispersa a água num sonho de rio.

XXVIII

O coração:
A montanha inóspita
Em que o vento assobia
Nas fragas cor de musgo.

A ave de rapina grasna
À fonte sem água.
Urze, giesta arreigada
Na carne fria da serra.

XXIX

As ervas secaram
As flores morreram
Os frutos caem das árvores
Passou o tempo do choro
Cloé dorme vestida de negro
À porta do casebre.

XXX

Se soubessem que o mar azul
É salgado e maior que os olhos
Haveria luar em cada homem
E a neve seria branca sempre.

XXXI

Crer nas árvores não é crer
Uma folha que cai anuncia
Desprendimento da mãe ramo

Não tem nada para mostrar
Nada mais para fazer crer
Que anunciar o regresso do fim.

XXXII

Dioniso nasceu da perna de Zeus
Como o vinho
Ao tempo dos avós.

Aliena o cheiro a mosto
E o desgosto soterrado
Liberta o riso
Nas faces trigueiras
Dos meninos.

XXXIII

Desde que o rio corra
E a melodia despida
Afore no repouso das aves,
Que mais ansiar
Choupo à margem do esquecimento?

XXXIV

A ponte um olhar e três arcos
Febril o homem de sobretudo
Numa porta cerrada.

A luz ilumina a lua
O arvoredado agarrado ao chão
Murmura em fímbria
De susto.

Um acorde estala
Abala em alaridos
As pedras de rua
Onde ninguém passa.

A luz a noite.